



Universidade Federal  
de São João del-Rei

DEPARTAMENTO DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – DECED

JAQUELINE CRISTINA SIMIÃO

**PRESENCAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI**

SÃO JOÃO DEL REI  
2023

JAQUELINE CRISTINA SIMIÃO

**PRESENCAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia da Universidade de São João  
del Rei como requisito para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Kelly Lislíe Julíio

SÃO JOÃO DEL REI  
2023

“Uma ideologia revolucionária só poderá ser criada se as experiências daquelas pessoas que estão à margem, que sofrem a opressão de grupo, forem compreendidas, discutidas e assimiladas”.

(bell hooks, 2019, p. 234)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo identificar as professoras negras da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), assim como contar brevemente a trajetória acadêmica de algumas delas. A pesquisa foi realizada a partir dos dados fornecidos pela Divisão de Administração de Pessoal (DIPES), da UFSJ, setor responsável pelo registro e nomeação dos servidores. Foram consideradas aquelas professoras que se auto identificaram como pretas ou pardas no momento de sua nomeação. Através de um formulário eletrônico enviado para as professoras negras foi possível levantar alguns dados acerca de suas trajetórias. Posteriormente foi realizada uma entrevista com três professoras, a fim de elucidar, de maneira mais pessoal, as dificuldades e realizações que essas professoras encontraram em sua caminhada. Com esta pesquisa inicial, foi possível evidenciar que a universidade possui, em seu corpo docente, um número significativamente baixo de mulheres negras professoras, e, também, como as carreiras delas são afetadas pelos marcadores raça e gênero de formas variadas, evidenciando a necessidade de dialogar sobre a questão.

**Palavras-chave:** Gênero e raça; professoras negras; UFSJ.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	6
A MULHER NEGRA NO CENÁRIO ACADÊMICO BRASILEIRO .....	9
AS PROFESSORAS NEGRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI (UFSJ).....	13
DESAFIOS DAS PROFESSORAS CONTRA O RACISMO INSTITUCIONAL .....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
REFERÊNCIAS .....	25
ANEXO .....	28

## INTRODUÇÃO

Em uma das primeiras aulas que tive no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del Rei, foi proposto que compuséssemos uma frase que nos impactasse. Nesse momento, depois de muito analisar e pensar na minha vida como mulher e estudante, escrevi a seguinte frase: “Não me julgue pela minha cor, mas sim pela minha educação”. Por mais que este seja um assunto muito comentado e muitas vezes naturalizado, as pessoas são levadas a acreditar que não existe mais racismo na sociedade atual.

Este é um pensamento comum resultado de conceitos com o tempo enraizados na história. Existe na sociedade brasileira, por exemplo, em seu contexto histórico social, a ideologia do branqueamento que “atua como resultado de ideias provenientes do processo de colonização brasileiro, no qual haveria uma suposta superioridade racial daqueles considerados brancos sobre os negros.” (Santos; Miranda, 2021, p. 5).

Outro conceito enraizado e que, muitas vezes, impede as discussões sobre o racismo é o mito da democracia racial. Tal movimento foi consolidado no início do século XX, onde, ainda segundo Santos e Miranda (2021, p.5), essa “linha de pensamento defendia o fato de que existiria no país uma igualdade de relações entre todas as raças e de que o ‘mulato’ seria o ícone representativo dessa suposta harmonia.”

Essas ideias ainda ecoam na vida das pessoas que se cegam a partir do imaginário do embranquecimento da sociedade. Santos e Miranda (2021, p. 6) exprimem que

Daí surge o preconceito, porque não admitimos resquícios da cultura afro como algo positivo no processo de trânsitos da diáspora. Ao mesmo tempo, o mito da democracia racial imprime a ideia de que no Brasil não há preconceito. A partir disso, somos influenciados pela concepção de que “todos somos mestiços” e, portanto, de uma situação de aparente igualdade racial.

Porém, pequenas ações que se repetem diariamente, ditas como inofensivas, são a confirmação de que ainda existe essa prática nos dias atuais. Essas atitudes moldam um panorama na qual perpetua comportamentos discriminatórios, evidenciando a necessidade de enfrentamento dessas práticas na busca de uma sociedade verdadeiramente igualitária.

No Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), “as populações preta e parda representam 9,1% e 47% da população brasileira,

respectivamente”<sup>1</sup>. Mesmo estando em um país onde a maioria de seus habitantes se autodeclararam negra, nas universidades é identificado um número baixo de alunos que se reconhecem pertencentes a esse grupo. Mesmo com a crescente desse dado, são encontrados apenas 48,3% desses jovens nas universidades públicas e privadas, em 2023, de acordo com o PNAD Educação. Esse número é menor do que o encontrado na pesquisa de 2019 que apontava 49% dos jovens universitários<sup>2</sup>.

Entendemos aqui, negras, as pessoas classificadas como pretas e pardas, de acordo com as pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Santos (2002 apud Gomes, 2005, p. 40), afirma que dados produzidos por instituições, como o IBGE e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

Indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. (...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum.

Os índices de docentes negros/as nas universidades também são escassos. De acordo com o Censo da Educação Superior (2021)<sup>3</sup>, que é uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de professores negros no ensino superior corresponde a 24,1%. Esse número representa um aumento no quantitativo de docentes, que, ainda de acordo com esta pesquisa, em 2010 era representado por apenas 11,5% dos docentes e, em 2017, por 16%. Mas ainda evidência grande dificuldade de inserção desse grupo nos espaços de destaque.

Durante os últimos três anos em que estive na universidade, encontrei com apenas três mulheres negras docentes no curso de pedagogia, duas delas eram professoras

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/06/proporcao-de-universitarios-negros-cai-pela-primeira-vez-desde-2016.ghtml>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023

<sup>3</sup> Disponível em: <[https://mundonegro.inf.br/cresce-o-numero-de-professores-universitarios-negros/#:~:text=A%20representa%C3%A7%C3%A3o%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20negra,r esponderam%20por%2016%25%20do%20total](https://mundonegro.inf.br/cresce-o-numero-de-professores-universitarios-negros/#:~:text=A%20representa%C3%A7%C3%A3o%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20negra,r esponderam%20por%2016%25%20do%20total.)>. Acesso em: 10 de novembro de 2023

temporárias, que ficaram no departamento durante um semestre. O racismo e sexismo no âmbito acadêmico não tem muita evidência, o que não o torna menos doloroso ou que não transcorra.

Por vezes, sistemas excludentes como racismo, sexismo e outros eixos de subordinação no âmbito acadêmico, moldam e controlam as mulheres. Esses eixos de subordinação, podendo ser compreendido como discriminação composta ou cargas múltiplas de discriminação, são caracterizados por Crenshaw (2002, p. 177) como interseccionalidade que

é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnias, classes e outras.

Esta não foi uma realidade tão diferente da que experienciei durante a minha formação escolar, na qual tive poucos encontros com professoras negras. Mesmo agora, tendo o prazer de estar presente como professora em algumas escolas públicas e particulares em duas cidades diferentes, São João del Rei (cidade que resido atualmente) e Conselheiro Lafaiete (minha cidade natal), não tenho muito contato com professoras negras. Na maioria dessas escolas pelas quais passei, eu era a única mulher negra que frequentava a sala dos professores como educadora.

Essa ausência me faz questionar, onde, quantas e quem são as mulheres negras professoras? E, para tentar responder essa questão, resolvi delimitar minha análise no espaço da Universidade Federal de São João del Rei. Nesta proposta, a intenção foi identificar quantitativamente essas professoras negras, para, a partir de um questionário a ser respondido por cada uma das docentes identificadas, traçar um perfil dessas mulheres. Além disso, busquei analisar a trajetória de algumas delas, numa tentativa de estabelecer distinções e semelhanças no percurso dessas mulheres, muitas vezes invisibilizadas pela massa da sociedade.

Para analisar a trajetória de algumas professoras, parti da lista de professoras negras da Universidade Federal de São João del Rei. Escolhi três professoras que não havia tido contato pessoalmente, mas outras pessoas do meu círculo haviam tido esse contato. A partir desta escolha e o aceite das professoras em participar da pesquisa,



tivemos um encontro no qual foi realizada uma entrevista, que visava apreender através de suas experiências, o que eles pensam, sabem, representam e argumentam.

A realização da entrevista, ocorreu mediante assinatura prévia do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ANEXO I). Ao todo 14 professoras participaram da pesquisa, tanto das entrevistas quanto do formulário online, elas serão identificadas como Professora A-N.

## **A MULHER NEGRA NO CENÁRIO ACADÊMICO BRASILEIRO**

Entrar em uma universidade parece um sonho distante para milhares de jovens negros que frequentam o ensino médio. Seguir seus sonhos em uma carreira acadêmica parece ser um sonho ainda mais difícil de alcançar. De acordo com o IBGE (2022)<sup>4</sup>, a taxa de analfabetismo no país compreende cerca de 5,6% dos brasileiros a partir dos 15 anos (mais de 9 milhões de pessoas), sendo 7,4% dessas pessoas negras, mais que o dobro de pessoas brancas que compreende 3,4% desse grupo.

Os dados apresentados mostram a desigualdade encontrada no sistema educacional para pessoas negras desde o início da trajetória escolar se estendendo até o ensino superior. Para Jaccoud e Beghin (2002, p. 66 apud França e Tostes, 2021, p 11), a naturalização “[...] da participação diferenciada de brancos/as e negros/as nos vários espaços da vida social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania”, evidencia ainda mais a desigualdade de acesso e permanência de jovens negros no ensino superior brasileiro.

Em uma sociedade onde a educação é vista como moeda de troca entre os valores de uma pessoa, grupos minoritários se veem presos a uma educação bancária. Esta, segundo, Paulo Freire (1968) se caracteriza como a forma com que os educadores ‘depositam’ conhecimentos nos alunos, não contribuindo para uma educação libertadora. Consequentemente, há uma manutenção da opressão das classes dominantes sobre as dominadas, tornando a formação desses indivíduos em cidadãos trabalhadores a quem se pode explorar.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

Mesmo com a adoção de políticas públicas, como a Lei de Cotas Lei 12.711/12<sup>5</sup>, que obriga as instituições federais de ensino superior a reservarem parte de suas vagas para alunos de escolas públicas, de baixa renda, negros, indígenas e quilombolas, não é suficiente. Isso porque, mesmo estando dentro dos espaços universitários, esses grupos ainda são levados a pensar que não merecem estar lá para aprender, e devem provar que são iguais aos brancos, inclusive partilhando as mesmas ideias e identidades (hooks, 2017).

A desvalorização dos conhecimentos trazidos por grupos que não se adequam nos padrões socialmente aceitáveis, faz perpetuar limitações de espaços em que essas pessoas podem ocupar, limitando assim sua participação e contribuição na construção de conhecimento.

Ao se firmar e ocupar os espaços acadêmicos, os/as decentes negros “trazem uma ruptura também para a epistemologia sobre os ditames da negritude, gênero e ciência. Passam a atuar no universo investigativo, construindo novos saberes, pautados em um conhecimento antirracista, antissexista e anti-homofóbico” (Silva e Euclides, 2018, p. 56).

Durante muito tempo as mulheres lutaram e ainda lutam por seus direitos. De acordo com Toledo (2001), essa luta se iniciou no fim do século XIX com o movimento sufragista (luta pelo direito ao voto feminino) e por direitos democráticos (direito ao divórcio, educação completa, trabalho, etc.). No fim dos anos 60, a luta pela liberação sexual, e no final dos anos 70, uma luta de caráter sindical, protagonizada pela mulher trabalhadora, na América Latina.

Essas batalhas foram cruciais para assegurar a segurança das mulheres nos domínios sociais e políticos. Contudo, quando observamos a mulher negra nesse cenário de enfrentamento, nota-se que a sua raça e cor frequentemente eram consideradas como elementos secundários. No decorrer da luta pelo reconhecimento de seu direito inalienável de ser reconhecida como mulher, Sojourner Truth (1851)<sup>6</sup> em seu notório

---

<sup>5</sup> No dia 24 de outubro de 2023, após 11 anos, foi aprovado pelo Senado Federal alterações na Lei de Cotas (Lei 12.711/12) que estava em vigor desde 2012. Algumas das principais mudanças nesta atualização prevê que, os candidatos concorrem inicialmente no critério de ampla concorrência, não alcançando a nota necessária, este tem direito a concorrer através das vagas oferecidas pela Lei de Cotas. Foi incluído também quilombolas nos critérios raciais, assim como redução, de 1,5 para 1 salário mínimo per capita, do rendimento familiar mensal máximo. Também foi definido que os programas de pós-graduação nas instituições federais de ensino superior, devem incluir políticas de inclusão para pessoas pretas, pardas, quilombolas, indígenas e pessoas com deficiência. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/10/24/senado-aprova-reformulacao-da-lei-de-cotas#:~:text=Foi%20aprovado%20pelo%20plen%C3%A1rio%20nesta,ensino%20t%C3%A9cnico%20de%20n%C3%ADvel%20m%C3%A9dio>>. Acesso em: 22 de novembro de 2023

<sup>6</sup> Discurso proferido na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner->

discurso ‘E não sou uma mulher?’ questiona por que as mulheres negras não podem ter o mesmo nível intelectual que os homens, dizendo

E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer.

De acordo com bell hooks (2015), os homens negros podem ser vítimas de racismo, sexismo e classicismo, porém, em relação as mulheres negras, assumem a posição de opressor e explorador. As mulheres brancas são vítimas do sexismo, porém o racismo lhes dá abertura para se tornarem opressoras.

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, no sentido de que não nos permitem ter qualquer “outro” não institucionalizado que possamos explorar ou oprimir (hooks, 2015, p.207).

No âmbito acadêmico, se deu uma longa jornada até que as mulheres negras fossem aceitas para adentrar esses espaços como estudantes. Angela Davis em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, aborda uma carta escrita por uma mulher negra, para o primeiro jornal negro dos Estados Unidos – *Freedom's Journal* -, na qual essa mulher parte em defesa de uma educação igualitária para as mulheres. Na carta ela escreve

Dirijo-me a todas as mães e digo a elas que, embora seja necessário possuir conhecimento sobre preparo de pudins, algo mais é indispensável. É seu dever sagrado incluir na mente de suas filhas aprendizados úteis. Elas devem ser

levadas a dedicar seu tempo de descanso à leitura de livros, dos quais poderão tirar informações valiosas que nunca serão arrancadas delas (1944, p. 69).

Neste discurso é enfatizada a importância de as mães incentivarem suas filhas a criarem saberes que vão além do papel que é esperado por elas na sociedade. Nesse sentido, a leitura é vista como ferramenta poderosa e duradoura, de mudança em relação ao papel desempenhado na sociedade e no âmbito acadêmico.

Levando em consideração essa fala, possuímos diversas mulheres negras atualmente que são referências acadêmicas, dentre elas cito, bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis, nos Estados Unidos, e Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Nilma Lino Gomes, do Brasil. Estas autoras apresentam para o cenário acadêmico contribuições que desafiam as perspectivas eurocêntricas que frequentemente inviabilizam as vozes negras, trazem também discussões acerca da interseccionalidade das questões de gênero, raça e classe, fazendo com que suas influências transcendam o espaço acadêmico e inspirando novas gerações.

Ainda assim, devemos pensar que, mesmo com a conquista de espaços acadêmicos por parte das mulheres negras, elas ainda são levadas a constantemente apresentar um “atestado de aptidão”, que sugere a necessidade dessas professoras em demonstrar frequentemente suas aptidões acadêmicas, validando e legitimando diariamente seu conhecimento. Essa discriminação se dá muitas vezes por parte de outras mulheres brancas, que, por mais que estejam também lutando por maior visibilidade e espaço, no âmbito acadêmico acaba diminuindo as lutas das mulheres negras. Estas, por sua vez, durante muito tempo, foram levadas a acreditar que não pertenciam ao mesmo espaço de aquisição de conhecimento que os homens e as mulheres brancas.

Entretanto, precisamos reconhecer que “quando uma docente universitária negra consegue ultrapassar barreiras históricas racistas, sexistas e classicistas, certamente se torna uma referência que inspira discentes negras que queiram seguir a trajetória profissional.” (Santos; Miranda, 2021. p. 3).

As trajetórias e identidades dessas professoras serão o enfoque nesta pesquisa, uma vez que durante séculos as mulheres foram invisibilizadas por homens brancos, outras companheiras de gênero e companheiros de raça. Este é um fenômeno complexo que tem raízes profundas na história e nas estruturas sociais.

Mulheres brancas sofrem o preconceito de gênero, porém não sofrem o preconceito de raça, isso faz muita diferença. Percebo que mulheres negras e pardas têm mais dificuldade para ascender na carreira, conquista de cargos,

comissões importantes, etc. Vejo isso em outras mulheres pardas e negras além de mim. Outra questão importante é a área. Em áreas onde há maior quantidade de mulheres, esses problemas parecem ser minimizados. (Professora J)

As mulheres negras oferecem uma perspectiva única acerca das opressões vividas por elas, a partir do lugar que ocupam na estrutura social. Tais pontos de vista servem como demonstração de como resistir a uma sociedade opressora. Desta forma, os tópicos seguintes abordarão, a partir da perspectiva das professoras da UFSJ, como a invisibilidade das mulheres professoras negras se faz presente no ambiente acadêmico.

## **AS PROFESSORAS NEGRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI (UFSJ)**

A representatividade da mulher negra na educação é um tema relevante e complexo que merece ser debatido regularmente. Nesta perspectiva, esta pesquisa buscou conhecer um pouco mais das professoras negras da Universidade Federal de São João del Rei, identificando elementos que caracterizam o perfil dessas mulheres. Além disso, foram considerados aspectos ligados à trajetória de algumas delas que podem ajudar a pensar a respeito da presença dessas mulheres na instituição, que deve ser um aspecto fundamental na promoção da diversidade e inclusão, inclusive enquanto um direito, tendo em vista que a Constituição Federal assim estabelece.

A pesquisa teve início com um primeiro contato junto à Divisão de Administração de Pessoal (DIPES), setor responsável pelo registro de todos os servidores da instituição. Foram solicitados o número, nome e contato das professoras que se identificaram como pretas ou pardas quando foram nomeadas e registradas. De acordo com os dados obtidos, a UFSJ possui, em todos os campi<sup>7</sup>, um total de 877 professores, sendo 512 do sexo masculino e 365 do sexo feminino. Em relação as professoras negras, a universidade possui 53 mulheres autodeclaradas negras no corpo docente, sendo 11 pretas e 42 pardas. Este dado inicial evidencia a extrema falta de diversidade dentro da comunidade acadêmica no que se refere à questão étnico-racial, uma vez que, a quantidade de mulheres negras professoras representa um número muito baixo em relação ao

---

<sup>7</sup> A Universidade Federal de São João del Rei, possui 6 unidades, distribuídas em 5 cidades. Os campi são: Campus Alto Paraopeba (CAP), Campus Cento-Oeste "Dona Lindu" (CCO), Campus Dom Bosco (CDB), Campus Santo Antônio (CSA), Campus Sete Lagoas (CSL), Campus Tancredo Neves (CTAn). Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/dplag/a\\_ufsj.php](https://ufsj.edu.br/dplag/a_ufsj.php)>. Acesso em: 22 de novembro de 2023

quantitativo da universidade. Em outros termos, a porcentagem de professoras autodeclaradas negras na Universidade Federal de São João del-Rei corresponde a 14% do número total de professoras mulheres, e destas 3% são pretas e 11% pardas. Se considerar o total de professores na universidade, 877, a porcentagem de professoras negras corresponde a 6%, sendo 4% pardas e 1,25% pretas.

Se analisarmos as áreas de atuação dessas professoras, podemos identificar que a maior parte delas se encontra no Campus Dom Bosco (CDB) e no Campus Centro-Oeste “Dona Lindu” (CCO); ambos os campi com 14 professoras negras cada. Cerca de 90% dessas professoras trabalham em departamentos de ciências exatas.

De posse dessas informações, foi criado um formulário para que pudessem responder de acordo com sua trajetória e identificação. As respostas poderiam ser dadas através de e-mail ou presencialmente, a partir de uma entrevista com a pesquisadora. No formulário busquei englobar questões que abarcassem dados pessoais como idade, estado civil, núcleo familiar, assim como uma breve descrição da trajetória escolar das pesquisadas. Outras questões como, a formação escolar até o ensino superior, se durante a formação ela teve contato com professoras/es negras/os que tiveram impacto positivo ou negativo na formação, se já vivenciou algum tipo de preconceito no ambiente acadêmico e as percepções delas acerca da implementação de políticas e/ou incentivo para permanência e ingresso de mulheres negras no ensino superior, foram tópicos abordados na pesquisa.

Do total, foram obtidas até a presente data 14 respostas, sendo 11 através de um formulário enviado por e-mail e 3 professoras, das áreas da comunicação, educação e psicologia, convidadas para participar de uma entrevista. Como já dito, duas dessas professoras já haviam sido mencionadas por colegas; a terceira professora foi escolhida aleatoriamente<sup>9</sup>. A escolha se deu também a partir de encontros de fácil acesso de acordo com a disponibilidade das professoras. As entrevistadas atuam na cidade de São João del Rei, duas no campus Dom Bosco, no Departamento de Psicologia e no Departamento de Letras, Artes e Cultura, a terceira professora atua no Campus Santo Antônio no Departamento de Comunicação Social. Apenas uma professora optou por um encontro presencial.

As três professoras foram escolhidas para se ter uma melhor compreensão de suas trajetórias. Isso porque, esta pesquisa busca, como já destacado, dentre outros aspectos,

---

<sup>9</sup> As professoras estando no Campus Dom Bosco foi outro fator que influenciou na escolha das entrevistadas, este é um campus de fácil acesso para a pesquisadora.

conhecer parte da trajetória de mulheres negras. Por isso foi imprescindível a realização de uma abordagem qualitativa onde

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI 1995, p.79 apud PIANA, 2009 p. 168).

A idade das pesquisadas varia entre 40 e 55 anos, e possuem vasta experiência em seu campo de atuação. Através do formulário, foi constatado que 75% delas são casadas e possuem pelo menos um filho. Este é um tema que frequentemente é levantado, se considerarmos que existe grande estigma acerca das obrigações que as mulheres, como um todo, mas principalmente as mulheres negras, possuem em relação as responsabilidades que são ditas como exclusivamente femininas, tais como: a dupla jornada e principalmente as dúvidas vindas a partir de terceiros sobre a capacidade para conciliar sua vida pessoal e acadêmica. Uma das professoras entrevistadas, cita sobre esse assunto que como mulher

[...] a gente sofre preconceito por ser mulher o tempo todo, porque quando a gente tira a licença maternidade e a gente não está fazendo pesquisa, isso não é nem consideração para quando a gente vai pedir progressão. Se a mulher engravidar e ela tirou uma licença maternidade, aquele período é um período que ela não está produzindo academicamente, quando ela retorna de sua licença-maternidade, ela passa pelo mesmo processo de avaliação de progressão do que um homem que não tirou. Então ele teve tempo para produzir. Ele não parou a produção dele. Então ele não fica prejudicado por isso, mas nós, mulheres, ficamos no meu caso, eu não fiquei, porque no ano que eu engravidei, foi o ano que eu mais produzi, porque eu já pensei assim, eu tenho que produzir tudo o que eu puder, porque quando eu entrar de licença maternidade eu não vou poder ter esse tempo de produção. Isso não vai levado em consideração.

Eu acho que o preconceito ele já começa por aí. (Professora B)

O fato dessas professoras ainda atuarem ativamente na universidade e conquistar novos objetivos, cumprindo todas as exigências estabelecidas pela instituição, torna a permanência delas um ato de coragem.

Em relação a escolaridade do círculo familiar dessas mulheres, foi constatado que 61,5% delas têm, pelo menos, três familiares com graduação. Tal aspecto pode ter sido um ponto importante para essas professoras.

Conforme Bourdieu, citado por Nogueira (2014, p. 35), quanto mais informações disponíveis sobre o funcionamento de determinado espaço, seus valores, estilos e atividades culturais, maiores as chances de sucesso. Para esse processo, o autor deu o nome de capital cultural. Assim, o fato de ter entre os familiares outras pessoas que já tinham frequentado o ensino superior, pode ter sido um diferencial para essas mulheres negras que conseguiram acessar a carreira de magistério na UFSJ, ajudando a responder a questão sobre a escolha de profissão dessas professoras.

Sobre isso, foi possível encontrar nas respostas, professoras que mencionaram a existência da influência familiar e interesse por ensinar e aprender como incentivo para ser professora.

O interesse pela escola, pelo espaço que congrega muitas pessoas me encantou desde cedo. Na universidade, o interesse pela educação com a participação do movimento estudantil durante o curso de psicologia, cresceu e tomou forma. A possibilidade de transformar mundos pela educação, de trabalhar num espaço potente, de criação e encontros, me arrematou. (Professora D)

No magistério tive uma experiência decisiva para querer ser professora. Trabalhei voluntariamente em um projeto social educacional, inicialmente com meninos entre 7 e 14 anos. A maioria moradores da Casa Lar. Depois ingressaram as meninas. Essa experiência acontecia dentro do Tiro de Guerra da minha cidade, em uma ONG. Dali tive certeza de que queria ser professora (também muito por influência da minha irmã - que foi uma das idealizadoras desse projeto e das minhas tias professoras). (Professora N)

A influência da família que já atua na docência afeta significativamente a trajetória das pessoas, uma vez que essas inspiram vocação, modelo de comportamento de dedicação aos estudos, conhecimento do sistema entre outros fatores.

Nesta pesquisa, nove professoras afirmaram ter pelo menos a mãe, irmã ou tia, como professoras. Aqui voltamos a questão da mulher no papel de educadora. A sociedade, muitas vezes, perpetua estereótipos de gênero associados com o papel da mulher como educadora.

No entanto, a maior parte delas que respondeu à questão do porquê escolheram a docência, não tinha esse objetivo de fato. Inicialmente, conforme relatado por elas, havia o desejo de atuar apenas com a pesquisa, traçando sua trajetória acadêmica neste sentido: passando pela Iniciação Científica, mestrado e doutorado. Desta forma, lecionar aparece como uma consequência do objetivo principal que é a pesquisa.

Fiz a graduação em Bioquímica, mestrado e doutorado em Bioquímica. Apesar de seguir carreira acadêmica, não havia feito um planejamento para atuar na



docência. A princípio minha intenção era ir para a indústria ou atuar em algum instituto de pesquisa, pois sempre amei fazer pesquisa. (Professora J)

Sempre me interessei em trabalhar com pesquisa em uma instituição de ensino superior. A docência veio "no pacote". No entanto, ao longo dos anos fui me realizando também nesta atividade. (Professora G)

Ainda sobre as influências que marcaram a trajetória dessas professoras, em quatro relatos houve a menção de ter alguma pessoa negra em sua trajetória de vida e/ou acadêmica. No que se refere a trajetória escolar até a graduação, é mencionado por elas ter tido contato com apenas uma ou duas pessoas negras na posição de professor(a), e mesmo assim não tiveram nenhum impacto significativo na trajetória da maioria delas.

Este fato, reverbera na presença dessas mulheres negras nos ambientes acadêmicos, que, por diversas vezes, pode se mostrar um ambiente hostil, homofóbico, sexista e racista. Comentários como o da professora a seguir, também foram registrados por outras professoras.

Sobre ser negra: Nunca sofri nenhum tipo de racismo explícito. Entretanto, muitas vezes percebi tratamento diferenciado por parte de alguns colegas professores e também de outros funcionários da Universidade.

Sobre ser mulher: existe um preconceito mais palpável em relação às mulheres, principalmente em questões de maternidade. Comentários e conduções principalmente na pós-graduação. Para mulheres negras vejo que é pior ainda. (Professora M)

Muitos dos depoimentos descrevem acontecimentos nos quais os olhares atravessados ou forma de tratamento diferenciado que se manifesta. Todavia, isso não diminui o fato de acontecerem formas veladas de racismo tanto por parte de colegas de trabalho, como alunos dessas professoras.

## **DESAFIOS DAS PROFESSORAS CONTRA O RACISMO INSTITUCIONAL**

A vivência de professoras universitárias negras é moldada a partir de experiências que podem ser geralmente difíceis e complexas em sua trajetória. Neste contexto, foram realizadas três entrevistas com professoras universitárias negras na intenção de compreender as nuances de suas trajetórias profissionais, os triunfos que alcançaram e os obstáculos que superaram.

Durante a realização das entrevistas, temas críticos como racismo, sexismo institucional e importância da representação, surgiram na conversa. Essas professoras trazem suas experiências individuais, mas também evidenciam questões que moldam as realidades acadêmicas, afetando tanto suas vidas profissionais, como o ambiente educacional para futuras gerações.

Aqui abordarei a trajetória de três professoras negras que se encontram na Universidade Federal de São João del Rei. Essas professoras serão nomeadas como ‘Professora A, B e C’<sup>10</sup>.

A Professora A nasceu e cresceu em Minas Gerais. Essa professora foi aluna de escola pública até o fim do ensino fundamental e, na intenção de passar em um vestibular e incentivada por seus familiares, cursou o ensino médio em escola particular. Como fruto desse investimento, a Professora A cursou psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi neste momento de sua vida que a professora disse que se deu conta de seu pertencimento racial, uma vez que, de acordo com ela, em sua cidade, todos eram iguais a ela (negros).

Durante sua formação em psicologia, a professora em questão queria trabalhar com grupos de adolescentes ou psicologia social comunitária. Durante dois anos e meio foi monitora de uma professora, que hoje a entrevistada a qualificaria como negra, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC) de Betim.

Essa mesma professora da qual foi monitora, a indicou para substituí-la após sua saída da faculdade, cargo que ocupou enquanto fazia o mestrado. Após terminar o mestrado na UFMG, trabalhou na PUC, e durante esse período fez o doutorado, também na UFMG. Enquanto estava na PUC, prestou concurso público para uma universidade pública para poder trabalhar com pesquisa. Com isso ingressou na UFSJ, onde ainda é professora do Departamento de Psicologia.

[...] aos poucos eu fui me encontrando na profissão. Hoje eu me sinto muito mais professora do que psicóloga. Quando eu vou pra preencher um cadastro, numa ficha, profissão, eu coloco professor. Eu gosto de ser professora. Acho que é uma coisa que eu faço bem ao contrário, por exemplo, de psicologia.  
(Professora A)

---

<sup>10</sup> Neste tópico também serão inseridos depoimentos de professoras que responderam ao formulário eletrônico, que ilustram a discussão.

Nascida também em Minas Gerais, a Professora B passou sua trajetória escolar integralmente em escolas públicas, e, de acordo com seus relatos, sempre foi alvo de discriminação em relação a sua cor.

Assim como acontece com diversas crianças negras do Brasil, sua cor era definitiva para decisões de qual classe deveria estudar (no caso, sendo sempre alocada para as turmas ditas como as piores). Isso acontecia mesmo provando, desde a tenra idade, que merecia estar em outras classes, ganhando medalhas de honra ao mérito. Mesmo assim não pareciam ser suficientes.

Sua primeira graduação em Letras se deu em uma faculdade particular; logo em seguida fez especialização em linguística na mesma universidade. Trabalhou em escolas públicas por três anos, antes de fazer outra graduação em Letras-Libras. Após terminar esta graduação, prestou concurso para a Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) na qual foi aprovada e contratada como especialista para a disciplina de Libras.

O fato de assumir a função no nível de especialista desencadeou comentários maliciosos em relação a sua formação por parte de companheiros de profissão e alunos da universidade, que duvidavam de sua capacidade.

Por ser uma novidade, né? Havia. Eu ouvi vários discursos preconceituosos, né? Tanto com relação à língua de sinais como com relação ao próprio cargo de ter entrado como professora universitária, tendo apenas a especialização. E houve um discurso de uma aluna que eu nunca me esqueço. Em que assim que eu terminei a aula, ela virou para mim e falou comigo assim: ‘Nossa, estava tão difícil arranjar professor que eles te colocaram?’ (Professora B)

Ainda trabalhando como professora na UFSJ, a Professora B fez mestrado e conciliou sua vida como mãe e mestrand. O mestrado e doutorado foi realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e atualmente é professora no Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ.

Por fim temos a Professora C. Esta também estudou integralmente em escolas públicas de Minas Gerais. Por ser filha única, obteve através do incentivo dos pais a oportunidade de estudar em uma faculdade particular. cursou Comunicação Social /Habilitação Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC). Após se formar na PUC, começou a trabalhar em uma empresa privada e em um jornal ao mesmo tempo.

Com a intenção de ter um diferencial em sua carreira, essa professora se candidatou a uma bolsa de mestrado em Londres, onde concluiu esta etapa de formação.

Voltando para o Brasil, através de um concurso, começou a trabalhar na PUC como professora, profissão que ela não tinha a intenção de seguir. Ficou na instituição, atuando também como coordenadora de pesquisa. Durante esse período, fez o doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutorado em uma universidade do Canadá.

Após a conclusão do pós-doutorado ingressou no quadro de docentes da UFSJ. No concurso que participou, ela era a única mulher e pós-doutora que conseguiu a classificação. Atualmente é professora do Departamento de Comunicação Social da instituição. Isto é algo que a professora faz questão em dizer já que

Eu acho que é um grande prazer estar contribuindo. Mas é o racismo institucional é muito forte justamente por isso, porque eu sou retaliada de forma muito sutil. Se eu falar que alguém me tratou mal, que alguém me ofendeu, que eu vou estar mentindo [...], mas há formas variadas de opressão de não reconhecimento, e isso passa inclusive para o corpo discente. (Professora C)

Durante as entrevistas sobre a trajetória dessas professoras, o aspecto que ficou mais evidente foi em relação ao racismo institucional alinhado a uma concepção do “não lugar” que as docentes ocupam enquanto mulheres negras e intelectuais.

Silvio Almeida (2019) aponta que o racismo institucional possui em sua dimensão o impacto nos âmbitos analíticos e políticos. Segundo ele, o racismo seria uma irracionalidade individual, sendo assim

não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo. No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. [...] Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (Almeida, 2019, p. 25)

Por mais que o início de suas trajetórias tenham sido diferentes, foi possível encontrar em suas falas, elementos comuns que tornaram a jornada dessas professoras um caminho ainda mais difícil a ser trilhado. Como destacado por elas, independentemente do departamento ou trabalho realizado, há sempre pessoas que fazem parte da Universidade Federal de São João del Rei, sejam alunos, professores ou outros indivíduos

que compõem a instituição, que duvidaram de suas capacidades ou dificultaram suas atividades. Elas, como dito anteriormente, lutam diariamente contra uma sociedade excludente, por serem mulheres, negras, mães e pesquisadoras, não importa o quão árduo seja o trabalho que elas façam, sempre haverá alguém para duvidar e dificultar suas jornadas.

Mas eu sofri um preconceito que eu considero assim muito forte, muito feio. Na época que eu estava tentando doutorado eu tentei o doutorado em uma universidade e na hora da entrevista, me fizeram perguntas superdifíceis e que você falava assim, mas o que é que isso tem a ver, né? Tipo, relacione o projeto de robótica que você participou lá em 2013, com a pesquisa de doutorado que você quer desenvolver agora. E aí mesmo assim eu consegui fazer uma relação e tal, e depois que eu passei pela entrevista.

A banca que era constituída da professora que eu tinha indicado por orientação e um outro professor virou e falou assim, seu currículo é muito bom, você é professora universitária, você não parou de trabalhar nem um ano. Você tem muita produção acadêmica, mas nós só temos uma vaga. E eu fiquei sem entender [...]. Mas o que eu não imaginava é que a vaga já tinha nome, e não era o meu. E aí, quando eu estava em vias de terminar o doutorado, [...] eu joguei meu nome no *Google*. E apareceu essa seleção dessa universidade que eu fiz. Só que o que apareceu na seleção dessa universidade foi que eu faltei a entrevista. (Professora B)

[...] abertamente eu nunca sofri (racismo), são só olhares e descréditos. Às vezes há uma necessidade de você se afirmar mais do que todo mundo. Não é por menos, as pessoas já conseguem, por exemplo, alcançar uma credibilidade que, para eu alcançar, eu tenho que provar muito mais. (Professora A)

Mulheres brancas sofrem o preconceito de gênero, porém não sofrem o preconceito de raça, isso faz muita diferença. Percebo que mulheres negras e pardas têm mais dificuldade para ascender na carreira, conquista de cargos, comissões importantes, etc. Vejo isso em outras mulheres pardas e negras além de mim. Outra questão importante é a área. Em áreas onde há maior quantidade de mulheres, esses problemas parecem ser minimizados. (Professora M)

O relato acima mostra na prática a concepção de bell hooks (2015) acerca do papel da mulher e do homem negro na sociedade. Por mais que todas as mulheres estejam em um mesmo patamar de desigualdade, as mulheres brancas têm vantagem sobre as mulheres negras.

Se tratando dos desafios enfrentados na UFSJ, as professoras relatam também haver dificuldades em prosseguir com seus projetos. A Professora C é coordenadora de um projeto de extensão, no qual inicialmente havia 15 estudantes voluntários. No entanto, com passar do tempo, o quantitativo de estudante foi diminuindo, sem que um motivo exato ficasse claro. Entretanto, essa professora tem tentado aproximar outros docentes dessa atividade de extensão, o que não tem funcionado, uma vez que houve diversas tentativas de encerrar o projeto por terceiros.

Os maiores desafios para mim são na gestão universitária. Somos repetidas vezes, desqualificadas, inviabilizadas, desacreditadas em nossas ideias, iniciativas e ações. O machismo se junta ao racismo, e as barreiras por vezes invisíveis se erguem. (Professora D)

[...] hoje eu sou uma pessoa que sou mais conhecida no ambiente acadêmico. Mas assim também vejo que na minha época, que eu entrei, havia um tipo de tratamento com relação a minha pessoa, com relação as coisas que eu propunha, projetos que eu propunha, que havia uma dificuldade maior desses projetos passarem (Professora B)

Mesmo com tantas adversidades, todas as professoras que participaram desta pesquisa, acreditam que há possibilidade de se ter um ambiente universitário mais inclusivo que promova o desenvolvimento das professoras que já se encontram no ambiente acadêmico, e dos estudantes que ingressam na universidade.

Cada uma, a sua maneira, desenvolve práticas que visam a inclusão, identificação e permanência de alunos negros, seja reservando vaga em projetos para alunos negros - prática realizada pela Professora A, pela introdução de autores negros em suas disciplinas, ou pelo simples gesto, mas significativo, de estar presente como uma mulher negra em uma sala de aula numa universidade pública federal.

As mulheres pretas têm vivências familiares e culturais bastante diversas. Eu acredito que trazemos dentro de nós uma vivência africana que se manifesta nas relações com a sociedade. Isto é enriquecedor para uma sociedade que tende a querer valorizar somente a ciência do homem branco. (Professora E)

Se a população brasileira é composta por mais de 50% de pardos e negros, eles deveriam estar em todas as profissões, deveriam ter condições materiais, objetivas e subjetivas de vida para terem as melhores formações e fazerem de fato escolhas. Creio que devemos sim ter professoras negras e há um impacto social por isso, mas é preciso presença da nossa ancestralidade vivenciada, praticada e reconhecida por todos nós. (Professora N)

O que a Professora N evidencia como a ancestralidade vivenciada e reconhecida por todos, também diz respeito a um aspecto observado pela Professora B nas universidades de Minas Gerais pelas quais ela passou. Ela sente que não existe muita discussão racial e discussões de educação antirracista nos espaços acadêmicos. Mas também destaca esforços de professores que lutam por incluir pesquisas e projetos que

contribuem neste campo, assim como sua própria vontade em participar de iniciativas do gênero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser uma mulher não é fácil. Ser uma mulher negra é ainda mais difícil. Durante minha vida não tive consciência de como o racismo está enraizado na sociedade, até ingressar na universidade e reconhecer que mulheres como eu são difíceis de ser encontradas nesse espaço.

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo levantar dados iniciais acerca das professoras negras da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), assim como analisar brevemente a trajetória de algumas delas até alcançar a posição que ocupam atualmente.

Não foi possível abordar toda a densidade dos relatos dessas professoras. Mas pelos relatos adquiridos e abordados neste trabalho, fica evidente que a jornada dessas mulheres se mostrou complexa e desafiadora. Elas tiveram e ainda tem que lutar diariamente contra o racismo institucional dentro do ambiente acadêmico por reconhecimentos de suas conquistas e reafirmarem seu pertencimento na instituição. Para tal, acabam lutando contra noções preconceituosas e reconhecimento para além das características sociais, étnicas ou culturais.

A trajetória dessas professoras é marcada pela experiência em escolas públicas que infelizmente, como relatado por elas, carecem de influência de professoras negras. Isso nos recorda que o sucesso dessas educadoras é ainda mais notável, quando contrastado com aqueles que tiveram acesso a oportunidades mais amplas ao longo de suas jornadas.

A luta pelo acesso à educação para mulheres negras no passado destaca-se como uma parte essencial da história da busca pela igualdade, reforçando a necessidade de continuar a promover ambientes acadêmicos inclusivos e igualitários nos dias de hoje.

Os dados coletados da universidade apontam como a presença da população negra é pequena. Como vimos, entre as professoras, apenas 14% são mulheres negras; quando considerado o contingente total de docentes da instituição, a porcentagem fica ainda mais gritante, já que somente 6% são mulheres negras. Tais dados mostram a necessidade de ampliação das políticas de inclusão e ações afirmativas para garantir que mais profissionais negros possam avançar em suas carreiras acadêmicas. Também é fundamental a inclusão e valorização das vozes diversas que essas professoras proporcionam, permitindo que haja um enriquecimento no cenário educacional, para uma



compreensão do mundo mais completa e justa. Dito de outro modo, é preciso repensar as condições em que, muitas vezes, as professoras negras se encontram, nas quais, para serem valorizadas, precisam reafirmar suas capacidades e merecimento para estarem em certas posições.

Essas professoras quando dada a chance, se mostram capazes de levar questionamentos acerca dos estereótipos arraigados no ambiente acadêmico, mas também conseguem agir ativamente nesses espaços abraçando a pluralidade das causas. Assim, se mostram inspiradoras das novas gerações nos alertando para o fato de ser imprescindível a presença de pessoas negras em todas as áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ALFANO, Bruno. **Proporção de negros nas universidades cai pela primeira vez desde 2016**. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/06/proporcao-de-universitarios-negros-cai-pela-primeira-vez-desde-2016.ghtml>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-74-9. Disponível em: <[https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf)>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023
- BRASIL, Lei 12.288/10. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: <[https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/estatuto\\_igualdade\\_digital.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/estatuto_igualdade_digital.pdf)>. Acesso em: 10 de novembro de 2023
- CRENSHAW, Kimberlé. (2002). **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171–188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104026X2002000100011>>. Acesso em: 06 de setembro de 2023
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo. 2016
- FRANÇA, Marileide G.; TOSTES, Adriele da S. **A Trajetória de Jovens Negros e Negras na Universidade: Desafios e Possibilidades**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 13, n. Ed. Especi, p. 9–36, 2021.

Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1302>>. Acesso em: 4 dez. 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão**. Açãoeducativa.org.br, 2005. Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao,baf17c8d-1b72-46fc-a3b7-fdab0bf2a748>>. Acesso em: 15 de outubro de 2023

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed., São João, WMF Martins Fontes, 2017.

\_\_\_\_\_. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira Ciências Política** [Internet]. Janeiro de 2015. (16):193–210. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>>. Acesso em: 15 de outubro de 2023

\_\_\_\_\_. Teoria Feminista: Da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE. **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento** | Agência de Notícias. 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>>. Acesso em: 01 de novembro de 2023

NOGUEIRA, Maria Alice. NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. - 4. ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 128p. - (Pensadores & Educação)

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>>. Acesso em: 26 de junho, 2022

SANTOS, Ivair Augusto A. dos. **Cresce o número de professores universitários negros**. 2023. Mundo Negro. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/cresce-o-numero-de-professores-universitarios-negros/>>. Acesso em: 4 dezembro 2023.

SANTOS, Juliana Araújo; MIRANDA, Sheila Ferreira. **As marcas da interseccionalidade nas trajetórias de três acadêmicas negras**. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 1-25, abr. 2021. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e16076>>. Acesso em 05 de junho. 2022.

SILVA, Érika C. (2020). **Trajetória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília (UnB): estratégias e resistências**. *Sociedade E Estado*, 35(03), 1056–1056. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/35549>>. Acesso em: 18 de outubro de 2023

SILVA, Gisele c. R. F. da. **“O Método Científico na Psicologia: Abordagem Qualitativa E Quantitativa.”** Psicologia.pt, 2010. Psicologia.pt, <[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0539](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0539)>. Acesso em: 01 junho 2022.

TOLEDO, Cecília. **O gênero nos une, a classe nos divide.** Cadernos Marxistas. São Paulo: 2001

TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher?.** 2021. Disponível em: <<https://peita.me/blogs/e-eu-nao-sou-uma-mulher-por-sojourner-truth>>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

## **ANEXO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI”, desenvolvida por Jaqueline Cristina Simião, graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de São João del Rei, sob orientação da professora Kelly Lisie Julio, do Departamento de Ciências da Educação – DECED.

#### **Sobre o objetivo geral**

A pesquisa tem como objetivo abordar a trajetória de professoras negras da Universidade Federal de São João del Rei.

#### **Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)**

O convite a sua participação se deve à significativa contribuição para o avanço do conhecimento na área.

A sua participação é voluntária, isto é, ela **não é obrigatória**, possuindo plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas.

#### **Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade**

Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste documento.

#### **Identificação da participante ao longo da pesquisa**

No presente projeto, será identificada pelas iniciais de seu nome, bem como, um número que será intransferível.

#### **Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa**

A sua participação consistirá em dialogar com a pesquisadora e responder as perguntas da entrevista. A pesquisadora pretende utilizar como instrumentos de pesquisa a entrevista

semiestruturada. Assim, a entrevista será uma conversa com um roteiro pré-determinado, mas novas perguntas poderão ser inseridas.

### **Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento**

A pesquisadora pretende realizar a entrevista em, no máximo, duas horas. Por determinação da participante, esse período pode ser interrompido a qualquer momento.

### **Guarda dos dados e material coletados na pesquisa**

As entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, assim como os resultados, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. A entrevista poderá ser registrada em áudio, mediante expressa anuência do participante, sendo posteriormente transcritas.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPESJ.

### **Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa**

Como benefício direto aos participantes teremos o conhecimento construído acerca de suas experiências, memórias e trajetórias, o que pode resultar em identificação e inspiração para futuras pesquisadoras negras. Além disso, a pesquisa busca ampliar a discussão sobre o tema na universidade, o que pode impactar positivamente no local de trabalho das entrevistadas.

### **Previsão de riscos ou desconfortos e procedimentos para minimizá-los**

Os riscos para as participantes da pesquisa é o incômodo que a entrevista pode causar, porém os riscos são minimizados em função das garantias de discricção e compromisso moral e ético da pesquisadora. O anonimato da participante será garantido, respeitando os limites éticos da pesquisa.

### **Sobre divulgação dos resultados da pesquisa**

Os resultados gerais poderão ser divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na dissertação/tese. Os resultados de forma individual serão repassados aos participantes e/ou seus responsáveis estando a equipe de pesquisadores à disposição para eventuais esclarecimentos.

### **Considerações finais:**

Não haverá nenhum custo pela sua participação neste estudo.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo. Se outras perguntas surgirem mais tarde, poderá entrar em contato com a pesquisadora.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Tel e Fax - (0XX) 32- 3379- 5598

e-mail: [cepsj@ufsj.edu.br](mailto:cepsj@ufsj.edu.br)

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, cep: 36301-160, Campus Dom Bosco

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 e-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

**Contato com o pesquisador a responsável:** Jaqueline Cristina Simião

**Email:** [jcsimiao21@gmail.com](mailto:jcsimiao21@gmail.com)

**Telefone:** (31) 9 8475-7065

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação concordo em participar. Declaro que este documento foi elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada (s).

São João del-Rei, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Nome da Participante**

---

**Assinatura da Participante**

---

**Nome do Pesquisadora**

---

**Assinatura do Pesquisadora**